



J. DAVID AKE/AFP - 13/9/1993

de terras parecia ser viável.

“Muitas famílias árabes proeminentes, incluindo ativistas nacionalistas, continuaram a vender terras aos judeus – uma questão embaraçosa que tem sido esquecida por historiadores palestinos. Além de seu impacto local, as transferências de terras afetaram a economia árabe em geral. Depois que o vale Marj Ibn Amr foi vendido, os métodos modernos de produção e a criação de gado substituíram o cultivo tradicional de cereais e o pastoreio”, escreve Ian Black no livro *Enemies and Neighbors: Arabs and Jews in Palestine and Israel, 1917-2017*.

Grandes famílias palestinas donas de terra, continua Black, venderam imensas glebas férteis para Israel. Os sionistas chegaram a sonhar com a possibilidade de comprar terras suficientes para criar seu país na Palestina. No início de 1939, o líder druso-sírio, Sultão al-Attrash, propôs à Agência Judaica a venda de 16 das aldeias da comunidade na Palestina e a emigração para a Síria de seus 10.700 habitantes. Chaim Weizmann chamou isso de “a maior oportunidade” que o sionismo teve em 50 anos – e uma pechincha de 3 milhões de libras. “Isso nos aliviaria de muitos de nossos problemas políticos por muito tempo”, escreveu Weizmann. Mas a venda proposta pelo sultão não se concretizou.

Em 1899, ainda sob o Império Otomano, o pai do sionismo, Theodor Herzl, recebeu uma mensagem apaixonada de Yusuf Diya al-Khalidi, o ex-prefeito de Jerusalém. Khalidi reconhecia os direitos históricos dos judeus na Palestina, mas esperava que eles procurassem uma terra desabitada em outro lugar. Herzl respondeu a Khalidi que os não judeus do país seriam enriquecidos pela riqueza

judaica, visão compartilhada pelo monarca hachemita, rei Abdullah I, da Jordânia: “Você acredita que um árabe que tem uma casa ou terra na Palestina cujo valor é de 3 ou 4 mil francos vai se arrepender muito de vender o preço de sua terra subir cinco ou dez vezes? Pois isso é necessariamente o que acontecerá quando os judeus vierem; e isso é o que deve ser explicado aos habitantes do país. Eles adquirirão excelentes irmãos”.

O rei Abdullah, Theodor Herzl, Feisal e todos que previram, com sinceridade ou não, uma convivência razoavelmente civilizada entre judeus e árabes na Palestina erraram feio.

#### “REMOVA-OS”



GPO ISRAEL

Moshe Sharet após reunião com Ben-Gurion

Antes e depois da partilha da Palestina pela ONU, os dois lados cometeram atrocidades contra civis. Os dois mais notórios episódios violentos daquele tempo ocorreram nas proximidades de Jerusalém.

Em 9 de abril de 1948 um grupo dissidente de paramilitares judeus, o Irgut, atacou a população árabe civil do povoado de Deir Yassin, matando 107 pessoas, segundo dados aceitos atualmente por israelenses, palestinos e a Cruz Vermelha.

Poucos dias depois, os árabes revidaram o ataque. Em 13 de abril, emboscaram um comboio

de ambulâncias, ônibus e carros que tentava abastecer o enclave judeu de Mount Scopus. Quase cem enfermeiras e médicos judeus foram mortos e tiveram seus corpos calcinados – entre eles, 23 mulheres.

Deir Yassin continua sendo um evento controverso, com perspectivas diferentes sobre os fatos que se desenrolaram ali. No entanto, Deir Yassin é amplamente reconhecido como o ponto de virada na história do conflito.

Mesmo não sendo uma política oficial do recém-criado país, os líderes de Israel tinham em mente um território com uma população de maioria judaica, com a presença minoritária de árabes, aceitos como cidadãos e, no papel, com todos os direitos dos judeus. Esse objetivo não declarado gerou tensões e dissidências internas. Mas, como veremos, foi exatamente o que ocorreu.

**“Nós nos esforçamos para enfraquecer e desintegrar os árabes que vivem em Israel, impedindo que formem uma minoria nacional. Ao mesmo tempo, nosso objetivo é melhorar e avançar sua situação como indivíduos... Gostaríamos de diminuir o número deles, mas não o faremos por métodos injustos.”**

Moshe Sharet

Moshe Sharet foi o primeiro ministro das Relações Exteriores de Israel e primeiro-ministro do país (1954-1955). Com o general Moshe Dayan e Yitzhak Rabin, foi um dos poucos líderes israelenses a falar abertamente sobre o êxodo palestino das terras asseguradas por Israel depois de atacado pelos exércitos árabes.

Moshe Dayan, o grande general de Israel, disse em 1956:

“Por que devemos reclamar do ódio ardente deles por nós? Por oito anos, eles estão sentados nos campos de refugiados em Gaza, nos observando transformar em nossas, as propriedades, terras e as aldeias onde eles e seus pais habitavam. Mas não temos escolha a não ser lutar. Esta é a escolha da nossa vida, estarmos preparados, armados, fortes e determinados. Sem o capacete de aço e o fogo do canhão, não poderemos plantar uma árvore e construir uma casa. O ódio que inflama e preenche a vidas das centenas de milhares de árabes que vivem ao nosso redor não pode nos distrair nem deixar que nossos braços se enfraqueçam.”

#### OS ACORDOS DE OSLO

Yitzhak Rabin foi assassinado

por um radical israelense em 1995, um ano depois de receber, junto com Shimon Peres e Yasser Arafat, o Prêmio Nobel da Paz pelos Acordos de Oslo, notável avanço diplomático para a solução do conflito com a criação de um Estado Palestino.

A reação dos radicais palestinos foi boicotar os Acordos de Oslo, enviando levadas de homens-bomba para se explodir em ônibus, supermercados e bares de cidades de Israel, matando centenas de civis.

**“Eu me matei com o objetivo de dar um Estado aos palestinos. Eu tinha um acordo que eles recusaram. O acordo daria aos palestinos a totalidade de Gaza, 96% a 97% da Cisjordânia, compensação com terras em Israel. À sua escolha.”**

Bill Clinton, presidente dos EUA, que costurou os acordos de Oslo

No rascunho manuscrito de suas memórias, Yitzhak Rabin abordou a expulsão da população palestina de Lod e Ramle em 1948. Ele descreveu o evento como “problemático” e admitiu a falta de “experiência anterior” em lidar com tal situação.

Rabin era o comandante do Exército, sob a autoridade maior do primeiro-ministro Ben-Gurion. Ele relatou em seus manuscritos, censurados por algum tempo pelo governo de Israel, como o primeiro-ministro gesticulou e disse bruscamente: “Remova-os”, referindo-se aos moradores árabes de Lod.

“Remova-os” é um termo bastante duro. Psicologicamente, esta foi uma das ações mais difíceis que realizamos. A população de Lod não abandonou a cidade de bom grado. Não havia como evitar o uso da força e tiros de advertência para fazer os habitantes marcharem de 10 a 15 milhas até o ponto onde eles se encontraram com a Legião Árabe”. A Legião Árabe foi um contingente armado criado pelos britânicos e sediado em Amã, capital da Jordânia.

#### UM EXÉRCITO INTEIRAMENTE CERCADO

No início da primavera de 1967, um processo de rápida escalada estava em andamento entre Israel e os Estados árabes limítrofes, armados e assessorados pelos soviéticos. A Síria assumiu a liderança, mas o Egito e até mesmo a Jordânia, normalmente cautelosa, emulando uns aos outros, foram dobrando perigosamente as apostas. As lideranças palestinas, Fatah e a OLP, uma vez mais, foram apenas passageiras no trem de guerra. Uma vez mais, em um momento crítico, os palestinos perderam o controle de seu próprio destino.

A guerra foi curta, durou seis dias e terminou com a vitória acachapante das forças de Israel. Seu comandante, Moshe Dayan, saiu glorificado dos combates e entrou para os manuais de guerra como autor de um feito raríssimo: o cerco completo de um exército inimigo. Dayan manobrou brilhantemente em torno do Terceiro Exército Egípcio no Sinai.

Uma analogia que permite visualizar a vitória total e rápida de Israel em 1967 seria imaginar que a Inglaterra tivesse vencido Hitler e ocupado Berlim apenas três dias depois da famosa retirada de Dunquerque.

A guerra que mudou o Oriente Médio terminou em 11 de junho de 1967. Como resultado imediato de sua vitória no campo de batalha, Israel mais do que triplicou o território que controlava. Passou a ter sob sua tutela cerca de 1,1 milhão de palestinos.

Em 1973, mais uma vez armados e incentivados pelos soviéticos, os países árabes com Egito e Síria à frente foram derrotados por Israel ao tentarem recuperar territórios perdidos na Guerra dos Seis Dias de 1967: o Egito queria de volta a Península do Sinai e a Síria, as Colinas de Golã. Conhecida como Guerra do Yom Kippur ou Guerra do Ramadã – o ataque surpresa contra Israel ocorreu no dia mais sagrado do calendário judaico, o Yom Kippur, coincidindo com o Ramadã, mês sagrado para os muçulmanos.

#### ISRAEL É UMA REALIDADE E NÃO APENAS UM PROPÓSITO

O não falado objetivo histórico de Israel, tão bem colocado por Moshe Sharet (“Nós nos esforçamos para enfraquecer e desintegrar os árabes que vivem em Israel, impedindo que formem uma minoria nacional. Ao mesmo tempo, nosso objetivo é melhorar e avançar sua situação como indivíduos...”), se tornou realidade.

Em 1948, os palestinos em Israel somavam 160.000 pessoas. Hoje passam de 2 milhões. São considerados cidadãos árabes-israelenses, fazem o serviço militar, mantendo o islamismo como sua religião. Eles constituem 21% da população total de Israel. Ocupam 8,3% dos 120 assentos no Knesset, o Parlamento de Israel. Sua atual representação no Knesset é baixa em comparação com a participação populacional árabe total, mas a cada eleição, os árabes-israelenses aumentam sua representação.

O ataque terrorista do Hamas a Israel em 7 de outubro, mais uma vez afastou do cenário a ideia da convivência pacífica, mesmo que tensa, no Oriente Médio. Israel deixou de ser apenas um propósito nos corações e mentes de alguns judeus europeus do século 19 e se tornou uma realidade inamovível. É a partir dessa realidade que as soluções devem ser buscadas. ●